



## CAIS DO ABANDONO



# OS DESABRIGADOS DA COPA

Obras de infraestrutura nas proximidades dos portos levaram à remoção de famílias que construíram as moradias de forma irregular. Especialistas alertam que o trabalho foi realizado sem critério, o que expôs crianças e adolescentes a situações de risco

» LEILANE MENEZES  
» HELENA MADER  
» MONIQUE RENNE (FOTOS)

Uma casa com vista para o mar não é sinônimo de tranquilidade para mais de 2 mil famílias cearenses. Comunidades de baixa renda instalaram-se na região do Porto do Mucuripe e agora enfrentam o medo e as consequências de remoções em massa. Parte das famílias construiu as moradias de forma irregular. Os imóveis tornaram-se o empecilho do governo do Ceará para a reforma dos arredores do porto. As obras foram contempladas pelo pacote de recursos destinados à Copa do Mundo. Só o terminal marítimo consumiu R\$ 202 milhões, alocados para a expansão da estrutura.

Outra obra que causa impacto na cidade é a construção do veículo leve sobre trilhos. Existem cerca de 20 bairros instalados na linha pela qual o VTL passará. A maioria foi removida, sob protestos e denúncias de uso de violência. Hoje, a série Cais do abandono relata a situação dos desabrigados na região do terminal marítimo de Fortaleza, uma das áreas mais impactadas pela remoção forçada de famílias, e o impacto dessas medidas na vida de crianças e adolescentes que viviam ao lado da região portuária.

A manhã em que máquinas da prefeitura demoliram os barracos das 400 famílias, no bairro Alto da Paz, é lembrada como "o dia do desespero". A comunidade ergueu-se em cima de uma duna, com vista para o Porto do Mucuripe. Nesse terreno, será construído um conjunto habitacional, destinado a pessoas de baixa renda, com 1.472 moradias para a população das comunidades de duas outras áreas irregulares, Titanzinho e Servluz, com promessa de saneamento básico, água, sistema viário e iluminação.

Desde 20 de fevereiro, quem vivia no Alto da Paz está desabrigado. "Construí a minha casa com restos de ferro, pedaços de máquinas de lavar e de fogão. Consegui, com muito custo, forrar o teto com as telhas. Quando o trator chegou, eu pedi meia hora para tirar as telhas. O motorista disse que não tinha tempo a perder e botou tudo no chão. Foi o pior dia da minha vida", relata Raquel Lima, 34 anos, auxiliar de serviços gerais. Ela conseguiu salvar apenas roupas e uma boneca da filha, que tem 9 anos.

Depois da derrubada, Raquel procurou abrigo na casa de amigos, no bairro vizinho, conhecido como Servluz. Não pôde levar com ela as duas filhas e o neto, pois a casa onde está não comporta mais pessoas, não tem banheiro, nem energia elétrica. "Minha família agora vive separada. Tenho uma filha de 9 anos, que não vejo mais e que ficou dias sem ir à escola. Fora o terror psicológico de acordar com a polícia derrubando a sua casa, atirando balas de borracha e batendo nas pessoas. Tem gente que foi morrer na rua", reclama Raquel.

"Se você desestrutura a família, tira essas crianças de casa e, muitas vezes, da escola, a tendência é de que elas fiquem mais abertas ao convite das drogas e de toda sorte de abusos. Elas perderam o que tinham e não foram realocadas", explica a coordenadora do Centro de Defesa da Criança e do Adolescente de Fortaleza (Cedeca), Talita Maciel.

### "Como bandido"

José Ribamar Pereira, 51 anos, pai de seis filhos, trabalha como pedreiro, mas nunca teve carteira assinada. Por esse motivo, diz não ter conseguido participar de programas habitacionais e não tem casa própria regular. O barraco de madeira onde vivia também foi ao chão em 20 de fevereiro. "Filho de



Crianças brincam na comunidade Servluz, em Fortaleza: promessa de saneamento básico, água, sistema viário e iluminação nas novas 1.472 moradias a serem construídas



Raquel está desabrigada e hoje mora longe das duas filhas e do neto: "Minha família vive separada"



Operários trabalham em obra ao lado do Porto do Mucuripe: expansão do terminal custará R\$ 202 milhões

pobre não tem respeito, é tratado como bandido", relata. Os filhos de Pereira estão abrigados em casas diferentes, distantes do pai.

Após derrubar quase todo o bairro Servluz, a prefeitura pretende construir uma praça, no entorno do Farol do Mucuripe, área do porto, com 26 mil metros quadrados. "Como pode uma praça ser mais importante que a vida das pessoas? O governo não quer que o turista veja miséria e pobreza. Quer levar esse problema para longe dos olhos das visitas", acusou Raquel Lima. Moradores que permaneceram no Servluz já anunciaram a resistência em aceitar a desapropriação de lotes. Os mais antigos vivem ali há mais de 20 anos e não pretendem se mudar. "Se tiram a casa da gente, tiram tudo", diz Danila dos Santos, 24 anos, nascida no Servluz, mãe de três crianças.

A exposição de menores de 18 anos ao problema da falta de moradia preocupa o Centro de Defesa da Criança e do Adolescente de Fortaleza (Cedeca). "Relatos contam que a prefeitura ofereceu R\$ 100 como auxílio-aluguel e até passagens para pessoas voltarem para terra de origem. E quem não tem para onde voltar? Volta para a rua", explica a especialista. "A vulnerabilidade ao tráfico e ao uso de drogas, à exploração sexual e a outros crimes aumenta muito. O governo quer reconfigurar a cidade, por interesses do mercado imobiliário, mas está negligenciando os direitos das crianças que viviam nesses locais", explica a coordenadora do Cedeca, Talita Maciel. A Secretaria de Habitação de Fortaleza informou que a interdição dos bairros tem relação com obras de urbanização e revitalização da área portuária, cons-



**As pessoas estão sendo deslocadas sem nenhum processo de transição. Isso tem um grande impacto na infância porque aumenta a desestruturação das famílias e é possível notar crescimento de notificações de violência, maus-tratos e abuso no entorno desses grandes projetos"**

**Luís Fernando Novoa,**  
doutor em planejamento urbano

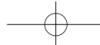
trução de praças e de quase 1,5 mil unidades habitacionais e garantiu que as novas casas serão regularizadas e com equipamentos públicos.

Professor da Universidade Federal de Rondônia, Luís Fernando Novoa é doutor em planejamento urbano e, em sua pesquisa, se debruçou sobre o impacto das grandes remoções para obras urbanas. Ele lembra que as retiradas de populações como as de bairros carentes de Fortaleza aumentam a vulnerabilidade de famílias já expostas a situações de extrema desigualdade. "São remoções normalmente revestidas de uma grande violência simbólica e física, que representam uma tentativa de higienização social", comenta.

### Vulnerabilidade

Integrante do Comitê Popular da Copa em Fortaleza, Roger Pires acompanha o drama dos moradores removidos na cidade, especialmente o impacto na vida de crianças e adolescentes. A região portuária, que já era um ponto de exploração sexual, segundo ele ficou ainda mais vulnerável com a retirada e com as obras. "O governo fez uma conta de que 2,5 mil famílias seriam removidas, em Fortaleza, mas acreditamos que esse número chegue a 5 mil. Para as famílias e para as crianças, essa é uma situação muito complicada. Elas ficam expostas", comenta Roger.

A relatora especial da Organização das Nações Unidas para o direito à moradia adequada, Raquel Rolnik, visitou Fortaleza para conhecer de perto os impactos das remoções. A professora da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo ouviu relatos dramáticos dos moradores, como pessoas transferidas para conjuntos habitacionais construídos em aterros sanitários ou em áreas muito distantes. "A falta de informações, de conhecimento dos projetos e de canais de diálogo com o poder público é uma constante em todas as comunidades. Sem nenhuma conversa prévia, de repente, um morador acorda de manhã cedo e vê pessoas medindo e marcando sua casa, sem saber o que se passa", comentou Raquel, depois da visita à capital cearense.



## CAIS DO ABANDONO

## DESTRUÍDOS PELO CRACK

Uso abusivo de drogas é uma realidade ao redor dos portos das cidades sedes da Copa. Abrigos sofrem com falta de verbas

» LEILANE MENEZES  
» HELENA MADER  
» MONIQUE RENNE (FOTOS)

O trabalho infantil e a exploração sexual deixam meninos e meninas ainda mais vulneráveis às drogas. A pobreza é o maior fator de fragilidade com relação ao uso de entorpecentes, especialmente o crack. Maria\*, 16 anos, vivia em uma das casas de palafita próximas ao Porto de Manaus. Dividia o quarto com quatro irmãos e diariamente enfrentava a fome. A menina é uma das vítimas do tráfico na capital amazonense. Experimentou cocaína ao ser abordada por um homem mais velho que lhe entregou a droga em troca de sexo.

Aos 16, Maria mora no único abrigo exclusivamente feminino de Manaus, depois de ter tido um bebê. Tenta se livrar do vício para ficar com o filho de apenas 3 meses, que foi retirado dos braços dela e levado para outro abrigo. “Estava amamentando meu filho quando vieram buscá-lo. Depois disso, nunca mais pude visitá-lo e não sei onde ele está”, relata Maria. A adolescente tem cicatrizes nos braços — marcas de uma ten-

tativa de suicídio. “É normal menina da minha idade usar drogas. Todas usam. Se fossem colocar todas no abrigo, não caberia”, minimiza a garota.

O abrigo onde Maria vive, a Casa Mamãe Margarida, enfrenta dificuldades para manter-se aberto, por falta de verba. Atualmente, as doações de pessoas físicas têm garantido a alimentação das 20 meninas acolhidas. “A infância amazonense está transbordando, como nossos rios. A nossa juventude não pode esperar. O dinheiro da Copa do Mundo não faltou. É tudo uma questão de prioridades”, reclama o coordenador do abrigo, Valter Calheiros.

Alex\*, 11 anos, teve de se mudar às pressas de casa. A mãe dele, uma conhecida traficante, sempre armada e disposta a matar quem ameaçar as vendas, entrou em disputa territorial com outros criminosos do bairro onde vivia, no Pelourinho. Alex passou a morar com o pai, que é separado da mãe. Quando anda pelas ruas da cidade, perto do Mercado Modelo e do Porto de Salvador, a criança é chamada pelo apelido: Fernandinho. “Eles me deram esse nome, depois



Consumo de drogas nas proximidades do Mercado Modelo, na capital baiana: vulnerabilidade social

que minha mãe foi expulsa. É por causa do Beiramar”, relata, constrangido. Alex diz nunca ter experimentado drogas.

O menino é uma das crianças atendidas pelo Projeto Axé, ONG ativa em Salvador, desde

1990 e fundada pelo italiano Cesare de Florio La Rocca. A entidade trabalha com o método de busca ativa, estratégia de contratar educadores para conviver com o público alvo no dia a dia e procurar quem precisa

de atendimento nas comunidades carentes. O Axé mapeou a situação de crianças e jovens em situação de rua, para um projeto de investimentos sociais relacionados à área do porto. Identificou 614 pessoas, de 3

“Eles me deram esse nome (Fernandinho), depois que minha mãe foi expulsa. É por causa do Beiramar”

Alex, 11 anos, sobre o apelido que recebeu dos colegas em Salvador

\* Todos os nomes de jovens usados na série são fictícios, em respeito ao Estatuto da Criança e do Adolescente

aos 18 anos, que têm as vias públicas de Salvador como casa. “O número é apenas uma amostra dessa população. Aproximadamente, 75% não vão à escola frequentemente ou não estão matriculados”, revela Cesare.

## RIO GRANDE DO SUL

## Menino pediu ajuda ao MP antes de morrer

Bernardo Boldrini, 11 anos, encontrado morto na última segunda-feira, chegou a procurar o Ministério Público por conta própria pedindo para não morar mais com o pai e a madrasta. E indicou duas famílias com as quais gostaria de ficar. Em janeiro, o menino esteve no MP de Três Passos, no Rio Grande do Sul, e relatou detalhes de sua rotina, marcada pela indiferença e pelo desamor na casa em que vivia. O pai, o médico Leandro Boldrini, 38 anos, a madrasta, a enfermeira Graciele Uguolini, 32, e uma terceira pessoa estão presos, acusados de participação na morte da criança.

O juiz da Vara da Infância e da Juventude do Fórum de Três Passos, Fernando Vieira dos Santos, 34 anos, chorou ao lembrar que o caso do menino passou pelas mãos dele no processo movido pelo Ministério Público do município. O garoto pediu ajuda ao Centro de Defesa da Criança e do Adolescente, órgão ligado à prefeitura, e a queixa chegou ao MP que a trans-

formou em um processo. A ação acabou na mesa de Santos, que intimou as partes. Como não havia registro de violência física, o magistrado optou por tentar preservar os laços familiares, suspendendo o processo por 60 dias para dar chance de uma reaproximação.

A negligência afetiva em relação a Bernardo chegou ao conhecimento do MP em meados de novembro. Na ocasião, um expediente foi instaurado para apurar o caso. A promotora da Infância e da Juventude de Três Passos, Dinamária Maciel de Oliveira, pediu informações a órgãos da rede de proteção, como o Conselho Tutelar e a escola em que o menino estudava, e fez levantamentos sobre parentes que poderiam assumir a guarda do menino.

No início do ano, Bernardo foi levado ao MP por um agente da rede de proteção. Apesar de ter negado sofrer maus-tratos e violência, disse que o pai era indiferente e que a madrasta implicava com ele. No fim de janeiro, a pro-

Carlos Macedo/Agência O Globo



Centenas de pessoas lotaram o ginásio da escola onde Bernardo estudava para velar o corpo do menino

motora ingressou com ação na Justiça pedindo que a guarda provisória fosse dada à avó materna, que mora em Santa Maria (RS). Desde então, nenhuma informação sobre problemas na relação familiar chegou ao MP.

Bernardo Uglione Boldrini desapareceu no dia 4 deste mês, em Três Passos. De acordo com o pai,

ele teria ido a cidade de Frederico Westphalen (veja mapa) com a madrasta para comprar uma tevê. Na volta para Três Passos, o menino teria dito que passaria o fim de semana na casa de um amigo. Como no domingo ele não retornou, o pai começou a procurá-lo na casa de amigos e acionou a polícia. Cartazes com fotos de

Bernardo foram espalhados em Três Passos, Santa Maria e Passo Fundo.

Na noite da última segunda-feira, o corpo do menino foi encontrado na zona rural de Frederico Westphalen. O pai de Bernardo, Leandro Boldrini, é médico e atua como cirurgião-geral no hospital do município. Ele também é pro-

## Onde fica



prietário da Clínica Cirúrgica Boldrini. Bernardo morava com o pai, a madrasta, e uma meia-irmã, de um ano — de quem relatou ser proibido de se aproximar. A suspeita é de que o menino tenha sido morto com uma injeção letal. Ele estudava no turno da manhã do Colégio Ipiranga, uma instituição particular. O ginásio do Colégio Ipiranga, onde Bernardo estudava, recebeu o velório do corpo do menino. Ele será sepultado no mesmo cemitério onde está enterrada a mãe, que morreu em 2010, em Santa Maria. Segundo a polícia, ela se suicidou dentro do consultório de Leandro, mas parentes ainda questionam a versão.

>> DEU NO [www.correiobraziliense.com.br](http://www.correiobraziliense.com.br)

Para saber mais sobre essas notícias, acesse [www.correiobraziliense.com.br](http://www.correiobraziliense.com.br)

## PF apura desvio de verba na construção de hotel

A Polícia Federal deflagrou ontem a Operação Gol Contra, que investiga o desvio de R\$ 2,5 milhões do Fundo Constitucional de Financiamento do Nordeste (FNE), operado pelo Banco do Nordeste. O recurso faz parte de um financiamento de R\$ 7 milhões liberado para a construção de um hotel em João Pessoa. O esquema foi identificado em fiscalização da Controladoria-Geral da União (CGU). Notas fiscais com erros grosseiros e superfaturamento de itens e serviços da obra levantaram a suspeita. Foram cumpridos sete mandados de busca e apreensão — quatro em João Pessoa e três em Brasília. Na capital do país, dois empresários responsáveis pelo hotel mantêm outro empreendimento. Dois funcionários do Banco do Nordeste, responsáveis por liberar o dinheiro, também são investigados.

## Ipea: para diretor, erro em pesquisa sobre estupro foi fatalidade

Em audiência pública, ontem, no Senado, o diretor de Estudos e Políticas do Estado, das Instituições e da Democracia do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), Daniel Cerqueira, rebateu críticas de parlamentares sobre o equívoco da pesquisa de percepção do brasileiro a respeito da violência sexual. O estudo havia informado que 65% dos entrevistados concordavam total ou parcialmente com a frase “Mulheres que usam roupas que mostram o corpo merecem ser atacadas”. Duas semanas depois, o percentual foi corrigido para 26%. Cerqueira disse que o erro foi uma fatalidade — “até os aviões caem”, justificou — e lamentou que Rafael Osório, pesquisador que coordenou o estudo, tenha pedido demissão.

## Mais um preso é enforcado no Presídio de Pedrinhas, em São Luís

O preso encontrado enforcado no Complexo Penitenciário de Pedrinhas, em São Luís, cumpria pena por assalto. Com mais essa morte, sobe para sete o número de assassinatos na penitenciária maranhense somente neste ano. Em 21 de março, a Secretaria de Justiça e Administração Penitenciária (Sejap) do estado pediu mais seis meses de prazo para a situação de emergência no sistema carcerário, decretada em outubro passado. Motins e rebeliões agravaram a crise, marcada por mortes violentas — muitas por decapitações — dentro da penitenciária.

## Segunda morte na Maré sob o comando das Forças Armadas

Terezinha Justino da Silva, de 67 anos, morreu na madrugada de ontem, depois de ser atingida por um tiro no peito e outro na barriga. Foi a segunda morte registrada no Complexo da Maré, na Zona Norte do Rio, desde que a Força de Pacificação, comandada pelas Forças Armadas, assumiu o policiamento do local. As autoridades investigam se a idosa foi baleada em um confronto entre uma patrulha da Polícia Militar e traficantes do local. Outro morador foi atingido na perna, mas passa bem. No último sábado, um jovem de 18 anos foi morto por um fuzileiro naval. Há versões desencontradas desse episódio: os militares dizem que revidaram a um ataque, moradores afirmam que o rapaz não era bandido.

Miguel Schincariol/AFP



## Bandeira queimada em protesto

Cerca de 300 manifestantes que protestavam contra a realização da Copa do Mundo promoveram atos de vandalismo no centro da capital paulista na noite de ontem. Uma Bandeira do Brasil (foto) foi queimada por mascarados, que também picharam pilastras do Museu de Arte de São Paulo (Masp). No fim do protesto, houve depredação de agências bancárias. A Polícia Militar não divulgou a quantidade de detidos. No Rio, cerca de 400 pessoas protestaram em frente à prefeitura, no Centro. Ônibus foram apedrejados.